

O novo nascimento em Cristo.

Semana passada, estivemos meditando sobre o tema: **Jesus, “a Luz” que é rejeitada**. Jesus é a luz que brilha no meio das trevas e que se manifestou na história da existência humana. **Salmos 119:105 Lâmpada para os meus pés é a tua palavra e, luz para os meus caminhos**. A luz veio para dar conhecimento e para revelar o Salvador. A Luz brilha sobre todos e nos força a um posicionamento. Que caminho você vai tomar, luz ou trevas?

O novo nascimento em Cristo.

João 1:12 Mas aos que a receberam, aos que creem em seu nome, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus.

Embora os seus não o acolham, há quem o receba. (Jesus como produto de feira).

Jesus fala isso em **João 10:16 Ainda tenho outras ovelhas, não deste aprisco; a mim me convém conduzi-las; elas ouvirão a minha voz; então, haverá um rebanho e um pastor.**

Há vários exemplos de pessoas fora do povo judeu que reconheceram a Luz, entre eles:

João 4:39 Muitos samaritanos daquela cidade creram nele, em virtude do testemunho da mulher, que anunciara: Ele me disse tudo quanto tenho feito.

João 12:20-21 Ora, entre os que subiram para adorar durante a festa, havia alguns gregos; estes, pois, se dirigiram a Filipe, que era de Betsaida da Galileia, e lhe rogaram: Senhor, queremos ver Jesus.

A rejeição não é total da Palavra, nunca foi, pois já nos tempos do Antigo Testamento, sempre houve um remanescente fiel. Para aqueles que receberam a Palavra, para aqueles que manifestaram tal fé, a Palavra deu-lhes o direito de se tornarem filhos de Deus. Essas pessoas desfrutaram do privilégio de tornarem-se o povo da aliança de Deus, um privilégio momentaneamente perdido pelo próprio povo do Messias ao rejeitá-lo.

I Reis 19:18 Também conservei em Israel sete mil, todos os joelhos que não se dobraram a Baal, e toda boca que o não beijou.

Ezequiel 6:8 Mas deixarei um resto, porquanto alguns de vós escapareis da espada entre as nações, quando fordes espalhados pelas terras.

“Os remanescentes”, aqueles que são fiéis, não se conformam ao mundo (forma de bolo), não se dobram, preferem morrer a negar Cristo.

Com Cristo, começa uma nova época para a humanidade, que se divide em duas partes: os que continuam na atitude do passado (os judeus e os cristãos não praticantes) e que não reconhecem a Palavra, e os que a reconhecem e a aceitam, e são livres do domínio das trevas.

Embora Israel como povo não acolha Jesus, há exceções que aparecem no próprio evangelho, como é o caso de Natanael em **João 1:49 Então, exclamou Natanael: Mestre, tu és o Filho de Deus, tu és o Rei de Israel!** E Nicodemos em **João 3**. E em **João 19:38-40 Depois disto, José de Arimatéia, que era discípulo de Jesus, ainda que ocultamente pelo receio que tinha dos judeus, rogou a Pilatos lhe permitisse tirar o corpo de Jesus. Pilatos lho permitiu. Então, foi José de Arimatéia e retirou o corpo de Jesus. E também Nicodemos, aquele que anteriormente viera ter com Jesus à noite, foi, levando cerca de cem libras de um composto de mirra e aloés. Tomaram, pois, o corpo de Jesus e o envolveram em lençóis com os aromas, como é de uso entre os judeus na preparação para o sepulcro.**

A vida-luz brilha para a humanidade e ilumina todo homem. Embora a presença histórica de Jesus ocorra em Israel, sua mensagem é destinada a toda a humanidade.

No evangelho de João, o conceito “filho” é dinâmico, como aparece em **João 8:39 Então, lhe responderam: Nosso pai é Abraão. Disse-lhes Jesus: Se sois filhos de Abraão, praticai as obras de Abraão.** O “nascer” capacita a exercer atividades do mesmo gênero que a do pai, e essa atividade é que demonstra a filiação. O filho imita o pai e aprende dele. Assim Jesus pode dizer aos dirigentes judeus que eles têm por pai o Inimigo (o diabo), porque realizam suas mesmas obras e realizam os seus desejos, sendo assassinos e enganadores.

Esse dinamismo contido no termo “filhos” foi conferida pelo “nascer de Deus”. Deus como Pai, por amor, comunica vida. Da mesma maneira, seus filhos são identificados como os que comunicam o amor através das obras. Temos a tarefa de continuar as obras de Jesus. Por isso, o seu único mandamento prescrito como ordenança, consiste precisamente o amor de uns para com os outros. Amor este demonstrado dele por nós. Essa demonstração de amor ao próximo é o caminho para o Pai.

Deus nos faz seus filhos, nos capacita no nascer de novo através do seu Espírito Santo. Assim podemos fazer obras maiores e melhores que Jesus. **João 14:12 Em verdade, em verdade vos digo que aquele que crê em mim fará também as obras que eu faço e outras maiores fará, porque eu vou para junto do Pai.**

João 1:13 Esses não nasceram do sangue, nem do desejo da carne, nem de um querer de homem, nem da vontade do homem, mas de Deus.

Uma maneira de chamar aqueles que recebem a Palavra é a de filhos de Deus: eles são filhos nascidos não de descendência natural, nem da decisão humana, mas nasceram de Deus. Nascer na família de Deus é bem diferente de nascer em uma família humana. A descendência natural envolve a mistura de sangue entre o pai e a mãe, da mesma maneira também a raça judaica é irrelevante para o nascimento espiritual. Havia a promessa sobre o povo judeu sim, mas apenas para aqueles que eram verdadeiros filhos de Deus. Muitos se consideravam santos, apenas pela sua descendência. Os judeus se ensoberbeciam, por poderem visitando sua genealogia chegar aos patriarcas como Abraão.

João 8:39 Então, lhes responderam: Nosso pai é Abraão. Disse-lhes Jesus: Se sois filhos de Abraão, praticai as obras de Abraão.

O novo nascimento é um ato de Deus. A fé não provém de nossa própria ação, mas é um fruto da regeneração espiritual e é um dom celestial. Os que recebem a Palavra são os que creem em seu nome, e começam uma caminhada de santificação progressiva para a semelhança do Pai.

O novo nascimento compreende:

- O batismo nas águas (arrepentimento);
- O batismo com o Espírito (manifestação do fruto).

João 3:5 Respondeu Jesus: Em verdade, em verdade te digo: quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus.

O homem não pode ter vida divina, definitiva, a não ser através de Jesus. O Espírito Santo é aquele que comunica Cristo através de sua realidade humana e nos leva a aceitá-lo como uma graça imerecida. Essa graça é imerecida. Não há nada que você possa fazer para pagar, oração no monte, jejum, velas, romarias, promessas...

Aquele que nasce de Deus deve o seu nascimento a um sangue, mas não a um sangue qualquer; nasce de uma carne, mas não de uma carne qualquer; é gerado do desígnio de um varão, mas não de um varão qualquer, mas daquele que comunica o Espírito, a saber Cristo e Cristo crucificado e ressuscitado.

João 1:14 E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós; e nós vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade.

14a Assim que a Palavra se fez homem.

Até aqui o autor fez uma síntese da obra criadora de Deus, incluindo a chegada histórica da Palavra e as reações, negativa e positiva, que provocou (1,11-13). A exposição se fez desde fora, de modo impessoal. Agora, nesta seção, Jo vai considerar a chegada da Palavra e seus efeitos positivos desde o ponto de vista da comunidade crente a que pertence (1,14: nós temos contemplado; 1,16: todos nós temos recebido). A chegada da Palavra descreve-se em termos de experiência, a que é própria dos que a têm recebido, têm nascido de Deus e mantêm sua adesão a ela.

Para entender bem o alcance da frase de Jo, tenha-se presente o duplo significado de logos: projeto/palavra. O projeto divino realizou-se em uma existência humana, a plenitude da vida brilha em um homem, é visível, acessível, palpável (cf. IJo 1,1-3). Por primeira vez aparece qual seja a meta da criação de Deus, a que tende toda a sua obra; manifesta-o o Homem que encarna o seu projeto: ao chegar à plenitude humana, é Deus, pois tal era o projeto, levar o homem à condição divina (note-se a tradução alternativa de 1,1c: e um Deus era o projeto). O homem-Deus está presente na terra, ele é a presença do Pai entre os homens (12,45; 14,9), o Deus gerado (1,18) pela comunicação plena da vida do Pai.“ ^

A essa expressão “o projeto/palavra feito homem” corresponderão no corpo do evangelho duas expressões: “o Filho do Homem” (= O Homem: 1,51 Leit.), que denota o homem em sua plenitude, o modelo do Homem, e “o Filho de Deus” (3,18;5,25 etc.), aquele que recebeu a plenitude da vida divina e que, portanto, é Deus. São dois aspectos da mesma realidade, pois o homem não chega a ser homem plenamente a não ser que seja filho de Deus, recebendo a comunicação da vida divina. Ambas as denominações estão compreendidas em outra: “o Filho” (3, 17.35s;5,21-23;6,40 etc.), que denota ao mesmo tempo a procedência humana (o Filho do homem) e a divina (o Filho de Deus) de Jesus.

14b acampou entre nós

O verbo “acampar” deriva em português de “campo/acampamento” e significa correlação à tenda de campanha, gr. skênê, substantivo de que deriva o verbo aqui usado (cf. nota). Aparece assim nesta sentença alu-

11 Expressão semelhante aparece em Inácio de Antioquia, Eph. 7,1: en sarki genomenos theos, en thanatô zôê alêthinê, “em sua carne (condição humana) chegou a ser Deus; em sua morte, vida verdadeira”. O paralelo entre as duas frases mostra que, pelo menos logicamente, “a carne” e a morte precedem a “ser Deus” e “vida verdadeira”.

são à antiga Tenda de Encontro, morada de Deus entre os israelitas durante sua peregrinação pelo deserto, a primeira época da história de Israel (Ex 33,7-10), e substituída mais tarde pelo santuário de Jerusalém (2Sm 7,1-13; IRs 5,15-19;6,1ss). Aquela presença de Deus é substituída por esta: a tenda de Deus, o lugar onde ele habita no meio dos homens, é um homem, uma “carne”.

Aflora aqui o tema do êxodo, que se desenvolverá no corpo do evangelho a partir de 4,46b (veja-se o ciclo do homem, pp. 23lss) e que era próprio da festa da Páscoa. Jesus, de fato, reunirá na sua pessoa e atividade toda a temática do antigo êxodo. Ele é o Cordeiro de Deus, o da nova Páscoa (1,29.36), seu sangue livrará a humanidade da morte (cf. Ex 12,1-14), sua carne será a comida da nova Páscoa (6,55) e o novo maná que levará os que o seguirem à terra prometida (6,58); ele será entregue na hora em que se imolava o cordeiro, para substituir definitivamente a antiga Páscoa (19,14.16). Ocorrerá, portanto, novo êxodo, a passagem das trevas à luz (8,12), da morte à vida (5,24; cf. 6,1; 10,40); nele a presença de Deus entre os seus se realizará em Jesus.

“A treva”, ponto de partida do êxodo para a luz-vida, cobre o campo do “mundo” que odeia Jesus (7,7), personificado ao longo do relato no3 dirigentes judeus, representantes das instituições que querem matá-lo (5,18;7,1;11,53; veja-se 1,5 Leit.). A característica da comunidade de Jesus será não pertencer a este mundo (8,23; 17,14.16), terra da escravidão de que ele nos fará sair (4,46bss Leit.).

A alusão à nova tenda anuncia já a substituição do templo. O corpo de Jesus, sua humanidade, será o novo santuário (2,19.21). Assim como a antiga, também a nova tenda supõe a humanidade em marcha. Jesus não cria novo templo, massa estática e fixa; os seus estão a caminho para o Pai (14,6). Caminham na história, mas não com os objetivos da carne, e sim com os do Espírito, e somente eles sabem aonde vão (3,7;8,14).

14c e temos contemplado sua glória. ^

No Antigo Testamento, chamava-se de “glória de Javé” o resplendor da presença divina. Aparecia em particular sobre o santuário ou a tenda e, ao ser esta inaugurada, encheu-se da glória de Deus (Ex 40, 34-38; cf. 29,42s; IRs 8,10s). Sua presença tomava-se visível durante o dia como nuvem, durante a noite como resplendor, mas era a idéia de luz a que se associava com “a glória” (cf. Is 60,1-3). No Antigo Testamento, a glória de Javé manifestava-se com freqüência na cólera (Nm 14,10-12;16,20-21;17,7-10).i2

12 Nm 14,10-12: “Toda a comunidade falava em apedrejá-los, quando a glória de Javé apareceu na Tenda da Reunião a todos os filhos de Israel. E Javé disse a Moisés: Até quando este povo me desprezará? Até quando recusará crer em mim, apesar de os sinais que fiz no meio deles? Ferilo-ei com pestilência e o deserdarei. De ti, contudo, farei uma nação maior e mais poderosa do que este povo”; 16,20-21: “E a glória de Javé mostrou se a toda a comunidade. Javé falou a Moisés e a Aarão.

Para a nova humanidade a caminho, a glória, ou seja, a presença ativa de Deus, não está vinculada a lugar material nem sua morada é recinto sacro, mas resplandece no Homem, em Jesus. A glória que a comunidade contempla é a de Jesus mesmo, que se identifica com a de Deus (I,14d Leit.).

Nele, Deus está presente para sempre no meio de grupo humano (entre nós). Desapareceu a distância entre Deus e o homem e, portanto, a busca angustiada de Deus. Para conhecê-lo não é preciso sair do mundo, mas aproximar-se dele, que se instalou no campo do mundo. Este já não é lugar profano, separado de Deus (5,13 Leit.; cf. 6,10).

Ao acampar numa comunidade de homens, o encontro com ele exclui todo individualismo e exclusividade (20,24ss). Estabelece relação interpessoal e social. Não há mediação entre Jesus e os seus, sua presença é imediata para todos. No contexto do êxodo, esta glória será a luz que os guiará na noite da treva (cf. Ex 13,21;40,38).

O traço de luminosidade próprio do conceito de “glória” indica somente certas qualidades relativas à sua visibilidade: magnitude, esplendor, beleza etc, “Glória” é termo que denota o impacto no homem de realidade dotada de tais ou parecidas qualidades: como “verdade”, “glória” é conceito adjetivado, que supõe a existência de outra realidade definível por si mesma.

Em Jo, “a glória” está em relação com “a luz” (1,4) ou esplendor da vida que brilha (1,5) e ilumina (1,9) aos homens. A identidade entre a palavra criadora e a luz da vida (1,9-10) mostra que a glória, contemplada pela comunidade de João, é também o resplendor da vida, que se definirá como “amor e lealdade” (I,14e).

14d c glória que um filho único recebe de seu pai.

A glória que a comunidade contempla não é, como nos antigos tempos, fenômeno material, fogo ou nuvem, que longinquamente simbolizasse a presença de Deus, mas a* plenitude pessoal de Deus, presente em Jesus. Assim o indica a comparação com o filho único, que possui todos os bens do Pai, sem exceção. O correspondente hebraico do termo “glória” (cf. nota) significa ao mesmo tempo “glória” e “riqueza”. O filho único é o herdeiro universal de seu pai, e todo o que este tem lhe pertence (cf. 3,35; 17,10). A glória/riqueza que brilha em Jesus é, em extensão e intensidade, exatamente a mesma que possui o Pai. Por isso sua presença equivale à do Pai (12,45; 14,9), ele é Deus

entre os homens, manifestado em “carne” humana. É a revelação completa do ser de Deus, que, realizando o seu projeto de homem igual a ele (5,18; 10,33), pro-

Disselhes; “Apartai-vos desta comunidade, pois a destruirei em um momento”; 17,7-10: “Ora, como a comunidade se reunia contra Moisés e Aarão, ambos se dirigiram para a Tenda da Reunião. Eis que a Nuvem a cobriu e a glória de lavé apareceu. Moisés e Aarão foram diante da Tenda da Reunião. Javé falou a Moisés e disse: “Saí do meio desta comunidade; destruí-la-ei em um instante”.

nuncia-se a si mesmo em sua palavra. Brilha agora no meio da humanidade nova todo o seu esplendor. Jesus é o Filho único, nascido diretamente de Deus, e somente ele possui a plenitude humana e divina. Os que o recebem chegarão a ser filhos por sua fidelidade a ele (1,12). Tendo a vida do Pai, pode comunicá-la. Os demais darão sua adesão à Palavra-vida; ele é a Palavra mesma, e a vida mesma, o projeto realizado.

Descobre-se já nesta passagem o conteúdo que adquirirá no evangelho o termo “pai”: é aquele que comunica o seu ser, fazendo o filho igual a si. A imensa maioria das vezes se aplicará a Deus, definindo-o como aquele que, por amor, comunica ao homem sua própria vida divina; será assim o protótipo do amor generoso, criador de igualdade. A atividade do filho corresponde à do pai, como o explica Jesus em 5,19: Um filho não pode fazer nada por si, tem que ver o pai fazê-lo. Assim, qualquer coisa que este faça, o filho também a faz igual (v. índice temático, “Pai”, IIIa).

14e plenitude de amor e lealdade.

A frase é retomada de Ex 34,6 (cf. nota). Moisés, antes de receber o segundo decálogo, fez a Deus vários pedidos, que lhe concedeu (Ex 33,12-17). Contudo, ao expor o último pedido: “Rogo-te que me mostres a tua glória” (Ex 33,18), Deus lhe respondeu: “Farei passar diante de ti toda a minha beleza (glória), e diante de ti pronunciarei o nome ‘Senhor’ (Javé) ... Não poderás ver a minha face, porque o homem não pode ver-me e continuar vivendo ... Quando passar a minha glória colocar-te-ás na fenda da rocha e cobrir-te-ei com a palma da mão até que eu tenha passado. Depois tirarei a palma da mão e me verás pelas costas. Minha face, porém, não podes ver” (33,19-23). “Javé passou diante dele, e ele exclamou: ‘Javé! Javé! Deus de compaixão e piedade, lento para a cólera e cheio de amor e fidelidade [cheio de amor e lealdade] etc.” (34,6s). “Ver a glória” equivale, no texto, a “ver a face” de Deus, ou seja, equivale ao conhecimento pessoal (cf. Jo 1,18), à experiência imediata de Deus. A frase “cheio de amor e lealdade” define, portanto, o ser de Deus no que constitui sua riqueza e glória.

O termo grego (charis) escolhido por Jo significa amor gratuito e generoso que se traduz em dom; não se trata de amor absorvente, mas, totalmente ao contrário, de amor expansivo. Fora do prólogo, Jo não usará mais este termo, que será substituído por “Espírito” (vida ativa no amor, 4,24), por “amor” (agapê) e pelos verbos “amar” (agapaô), “querer” (phi- leô) (veja-se índice temático, “Amor” I). O amor, qualificado e especificado pela lealdade ou fidelidade, é o amor que jamais se desmente, jamais cessa, não se retrai nem cede perante as dificuldades. A lealdade (v. nota) é a verdade do amor.

A frase: plenitude de amor e lealdade, liga-se com 1,14c; contemplamos sua glória (v. nota). A intermédica: a glória de um filho único, etc., é inciso que identifica a glória manifestada em Jesus com a do Pai, sem nenhuma limitação. A riqueza de Deus que resplandece em Jesus é seu amor indefectível. Deus ama ao homem levado por sua generosidade, por motivo espontâneo (Pai), e seu amor está todo em Jesus. Seu esplendor é sua evidência.

Como a luz se identifica com a vida (1,4), assim a glória se identifica com o amor leal. Este paralelo transforma-se em identidade: o Filho único, que possui a plenitude da glória-amor, é ao mesmo tempo realização do projeto criador que continha a vida-luz (1,49-10). São dois aspectos da mesma realidade: luz corresponde a glória, vida a amor. De fato, a vida não é qualidade estática, mas dinamismo que se traduz necessariamente em atividade. Sua atividade própria é o amor: viver é amar e amar é comunicar vida. Por isso o amor gratuito e generoso que aqui se conota é o princípio e a atividade da vida, que se difunde dando-se a outros (= o Espírito). ^

A lealdade é a constância do amor; significa o que é firme, estável, certo, veraz, autêntico, fiel. Daí o fato de Jesus, presente entre nós, ser a oferta constante de vida-amor; ele torna possível o crescimento que leva a ser filho de Deus (1,12: aos que mantêm a adesão à sua pessoa).

A manifestação da glória é tema que percorre todo o evangelho; e mais: é seu tema principal, uma vez que se capta o seu conteúdo: a manifestação da glória é a manifestação do amor que comunica vida. Pela primeira vez se mencionará na cena de Caná (2,11), onde Jesus oferece antecipadamente o Espírito de vida, como amostra do que

será em “sua hora” (2,4), a de sua morte. A manifestação da glória coincidirá com o dom da água-Espírito (7,39). A glória-amor de Jesus, que é a de Deus, manifestar-se-á fazendo sair Lázaro do sepulcro (11,4.40.43), ressurreição que antecipa a do “último dia”, que coincide também com a cruz (6, 39 Leit.; cf. 7,37). Assim, a grande manifestação da glória ocorrerá na cruz, quando Jesus mostrar o seu amor até o extremo (13,1), dando a sua vida, para dar a vida definitiva com o dom do Espírito (19,30-34). A cruz será a visão da glória, e o lado de Jesus, que continuará simbolicamente aberto depois da ressurreição (20,25-27), demonstrará a lealdade do seu amor, a comunicação incesante da vida.

Ao dizer: contemplamos sua glória, expressão que se refere a fato concreto, afirma a comunidade a experiência de Jesus morto na cruz, de cujo lado sai sangue, expressão de seu amor até o fim (13,1), e água, símbolo do Espírito (7,37-39), o amor-vida que comunica. É a mesma experiência contida no testemunho solene do evangelista, que frica a cena com a declaração mais enfática de todo o evangelho, indicando ser aquele o momento-cume de todo o relato: aquele que viu pessoalmente deixa testemunho — e este seu testemunho é verdadeiro e ele sabe que diz a verdade — para que também vós chegueis a crer. Cumpre-se na comunidade a profecia de Zacarias (12,10) citada por Jo: Verão ao que transpassaram (19,37). E esta experiência que começou não cessa, o amor de Jesus continua sendo o centro da comunidade: Pai, quero que também eles, os que me entregaste, estejam comigo onde estou eu, para que contemplem

a minha glória (17,24). Jesus está presente nela como o crucificado/transpassado (20,20.27); ela o percebe como o sinal exaltado no meio do mundo (3,14-16;8,28;12,34), da qual brota continuamente a vida (7,37-39).

O fato de a comunidade cristã poder contemplar a glória pessoal de Deus, presente em Jesus, marca a diferença entre antiga e nova aliança (1,14e Leit.). Ver a glória não só não produz a morte (Ex 33,20), mas é condição para a vida. Quem não contempla a glória não pode chegar a crer (2,11 Leit.).

Outra figura desta contemplação da glória é a que Jesus propõe a Natanael: Sim, eu vos asseguro, vereis o céu aberto e os anjos de Deus subir e descer por este Homem (1,51 Leit.).

14. Pela primeira vez desde o versículo 1, o termo *ho logos*, ‘a Palavra’, reaparece.

Nesse ponto, a encarnação, o ‘en-carnar’ da Palavra, é articulada da forma mais corajosa. Se o evangelista tivesse dito somente que a Palavra eterna assumiu a humanidade ou adotou a forma de um corpo, o leitor impregnado pelo dualismo, tão popular no mundo helenístico, poderia não entender. Mas João não é ambíguo, ele chega quase a chocar com as expressões que usa (cf. especialmente Barth, pp. 85ss.): a Palavra tomou-se carne. Como orações sucessivas nesse versículo aludem a Êxodo 33.7— 34.35, é tentador pensar que essa primeira oração faz o mesmo. A ‘Tenda do Encontro’ era o lugar onde o Senhor “falava com Moisés face a face, como quem fala com seu amigo” (Êx 33.1; grifo do autor). Em Êxodo, Moisés ouve o nome divino falado pelo próprio Deus, e isso é seguido pela palavra escrita sobre duas tábuas de pedra. Agora, João nos diz, a Palavra de Deus, sua autoexpressão, tornou-se carne.

Essa é a suprema revelação. Se nós devemos conhecer a Deus, nem racionalismo nem misticismo irracional serão suficientes: o primeiro reduz Deus a mero objeto, e o segundo abandona todos os controles. Mesmo a revelação de Escrituras antecedentes não pode competir com essa revelação, como a carta aos Hebreus também afirma em categorias chocantemente similares: “Há muito tempo Deus falou muitas vezes e de várias maneiras aos nossos antepassados por meio dos profetas, mas nestes últimos dias falou-nos por meio do Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas e por meio de quem fez o universo” (Hb 1.1,2). A Palavra, a própria auto-expressão de Deus, que estava com Deus e era Deus, tornou-se carne: ela vestiu nossa humanidade, exceto nosso pecado. Deus escolheu se fazer conhecido, final e definitivamente, em um homem real e histórico: “quando ‘a Palavra tornou-se carne’, Deus tornou-se homem” (Bruce, p. 40).²⁰

A Palavra fez sua habitação entre nós. Traduzindo mais literalmente, o verbo

grego skênôô significa que a Palavra armou seu tabernáculo, ou morou em sua tenda, entre nós. Para os judeus de língua grega e outros leitores do Antigo Testamento em grego, o termo traria à mente o skênê, o tabernáculo onde Deus se encontrava com Israel antes do templo ser construído. O tabernáculo foi edificado por ordem de Deus: “E farão um santuário para mim, e eu habitarei no meio deles” (Êx 25.8). O povo devia fazer esse ‘tabernáculo’ (Êx 25.9; hebr. miskan gr. skênê) e toda sua mobília em exato acordo com o padrão que Deus havia fornecido. 20 Kasemann afirmou que isso não é nada mais que o mínimo de forma humana exigida para que a Palavra seja percebida de alguma forma, bem como que o evangelho é, na realidade, docético — isto é, que ele adota uma cristologia na qual a Palavra somente parece se.r humana. Para um estudo mais detalhado, cf. Carson, pp. 154ss.; Thompson, passim. Sobre teorias de fonte como a de Richter, Studien, pp. 149-198, que julga que esse versículo é uma interpolação, cf. a Introdução, § III.

João 1.1-18 128

Ainda mais tarde, a ‘Tenda do Encontro’ (hebr. môhel mçôd,, Êx 33.7) é chamado na LXX, hê skênê martyriou (lit. ‘a tenda [tabernáculo] do testemunho’).²¹ Se a alusão em João 1.14 é ao tabernáculo ou à tenda do encontro, o resultado é o mesmo: agora, o evangelista sugere que Deus escolheu habitar entre seu povo de uma forma ainda mais pessoal, na ‘Palavra que se tornou carne’.

Judeus helenistas com pelo menos um conhecimento superficial de hebraico perceberiam com facilidade outra conexão entre as palavras de João e o Antigo Testamento. O verbo hebraico correspondente para ‘habitar’, sakan, algumas vezes aplicado ao ‘habitar’ de Deus com Israel (e.g. Êx 25.8; 29.46; Zc 2.13), e o substantivo para ‘tabernáculo’, miskan, são cognatos do termo pós-bíblico skina. Essa palavra, estritamente falando, significa ‘residência’, mas, em geral, se refere à glória de Deus que se fez presente no tabernáculo e no templo. A nuvem brilhante da presença de Deus pousou (sakan) sobre o tabernáculo, e a glória do Senhor o encheu (Êx 24.16; 40.34,35; semelhantemente o templo, IRs 8.10,11). No hebraico pós-bíblico, skina-glória era nada menos que a manifestação visível de Deus. Aludindo a tais temas, João pode estar dizendo a seus leitores que Deus manifestou-se mais claramente quando a Palavra tornou-se carne. A Palavra encarnada é o verdadeiro skina, a manifestação definitiva da presença de Deus entre seres humanos, porque essa Palavra tornou-se homem. Mas essa conexão é menos que certa, desde que ela depende de algum conhecimento de hebraico, e em outro lugar João aparentemente pressupõe que seus leitores não têm nenhum conhecimento de hebraico (cf 1.38,41,42; 9.7; 20.12).²²

Qualquer que seja a conexão com a skina, João traça uma linha explícita com ‘glória’: Vimos a sua glória. Na LXX, a palavra para ‘glória’, doxa, geralmente traduz o hebraico kabôd, uma palavra usada para denotar a manifestação visível da autorevelação de Deus em uma teofania (Êx 33.22; Dt 5.22), ou mesmo a posição ‘gloriosa’ do povo de Deus quando ele se levanta para salvá-los (Is 60.1). Não é nenhuma surpresa que todos no templo, conscientes da presença do Senhor, clamem: ‘Glória!’ (Sl 29.9) - o que também mostra como a palavra quase significa ‘louvor’ em alguns contextos (e.g. João 5.41). A glória de Jesus foi manifestada em seus ‘sinais’ (2.11; 11.4,40); ele foi supremamente ‘glorificado’ em sua morte e exaltação (7.39; 12.16,23; 13.31,32). Isso não significa que ele não tivesse glória nenhuma antes de começar seu ministério público, porque, de fato, ele desfrutava da glória com o Pai antes da encarnação e retornou para assumir essa glória novamente após sua ressurreição (17.5,24). Outros homens procuraram sua própria

glória (5.44; 12.43); em contraste, a relação peculiar que a Palavra encarnada tinha com o Pai era tal que ela nunca procurou glória para si mesma, mas somente a glória de Deus (5.41; 7.18; 8.50). No contexto da encarnação, o nós que viu a 21 Essa é a conexão traçada por Henry Mowvley, ExpT 95, 1983-84, p. 136. As palavras 'do testemunho', antes que 'do encontro', dependem de uma pontuação diferente do hebraico.

22 Cf. Craig Koester, op. cit., pp. 105s.

129 João 1.1-18

glória da Palavra deve se referir ao evangelista e outros cristãos que realmente viram Jesus nos dias de sua vida terrena. Cf. Estêvão em Atos 7.55, em que kai pode significar 'e também': Estêvão, "cheio do Espírito Santo, levantou os olhos para o céu e viu a glória de Deus, e [também] Jesus em pé, à direita de Deus". A glória que João e os outros viram era a glória do Unigênito. A expressão subjacente foi traduzida por Filho 'Unigênito' em traduções mais antigas, mas apesar de esforços de alguns para restaurar essa tradução,²³ a NVI (na nota de rodapé) está um pouco mais próxima do que se quis dizer. A glória manifestada na Palavra encarnada é o tipo de glória que um Pai concede ao seu Filho Unigênito e muito amado — esse 'Pai' é o próprio Deus. Assim é nada menos que a glória de Deus que João e seus amigos testemunharam na 'Palavra que se tornou carne'. As palavras cheia de graça e de verdade podem ser descritivas da Palavra, especialmente se o termoplêrês, 'cheio', for entendido como nominativo, concordando com logos, 'Palavra'; mas porque 'cheio' é geralmente indeclinável (isto é, formalmente não 'concorda' com nenhuma forma de palavra em particular), parece melhor entender a expressão como um modificador de 'glória'. A glória de Deus manifesta na Palavra encarnada era cheia de graça e de verdade. Nesse caso, João está quase certamente dirigindo seus leitores para Êxodo 33— 34 (cf. Hanson, pp. 5ss.). Lá Moisés implora a Deus: "Peço-te que me mostres a tua glória" (Êx 33.18). O Senhor responde: "Diante de você farei passar toda a minha bondade, e diante de você proclamarei o meu nome: o S e n h o r .²⁴ Terei misericórdia de quem eu quiser ter misericórdia, e terei compaixão de quem eu quiser ter compaixão" (Êx 33.19). A glória de Deus, portanto, é supremamente sua bondade. Assim Moisés fica sobre o monte Sinai, e é-nos dito que "o S e n h o r desceu na nuvem, permaneceu ali com ele e proclamou o seu nome: o S e n h o r . E passou diante de Moisés, proclamando: 'S e n h o r , S e n h o r , Deus compassivo e misericordioso, paciente, cheio de amor e de fidelidade, que mantém o seu amor a milhares e perdoa a maldade, a rebelião e o pecado'" (Êx 34.5-7).

As palavras em itálicos explicam a natureza daquela bondade que é a glória de Deus. As duas palavras cruciais em hebraico são hesed (variadamente traduzida 23 E.g. J. V. Dahms, N TS 29, 1983, pp. 222-232; Dodd, IFG, p. 305.0 termo monogênês é um de diversos termos usados na LXX para traduzir o hebraico yâ hid, referindo-se a um filho 'único' (e.g. Jz 11.34; Tobias 3.15; 6.14; 8.17; cf. Lc 7.12; 8.42; 9.38; e especialmente Hb 11.17 acerca de Isaque, que não era o filho 'único' de Abraão, mas era seu filho 'único/querido'. Esse componente 'querido' ou 'amado' do significado da palavra é refletido em Gênesis 22.2, em que Isaque é chamado filho yâ h id de Abraão, e a LXX traduz a palavra por agapêtos, 'amado'.

24 A palavra em versal-versalete, 'Senhor', é uma tentativa de captar as quatro consoantes YHWH, tradicionalmente transliteradas 'Yahweh' ou 'Jehovah'. Questões quanto ao 'significado' do nome são resolvidas menos por etimologia que pela forma que o nome, refletindo o próprio caráter de Deus, é revelado no tratamento de Deus com seu povo.

No fim de seu ministério, Jesus pode declarar que ele tornou conhecido o 'nome' do Pai, e o fará conhecido (17.26).

João 1.1-18 130

por 'amor firme', 'misericórdia', 'amor de aliança - mas, recentemente, mostrou-se com muita clareza que é a graciousidade do amor que está em jogo²⁵) e *met ('verdade' ou 'fidelidade'). Essas duas expressões aparecem repetidamente no Antigo Testamento. As duas palavras que João usa, "cheio de graça e de verdade" (grifo do autor), é sua forma de resumir as mesmas idéias (sobre verdade, cf. Schnackenburg, 2. 225-237; Ibuki, pp. 176-207). A glória revelada a Moisés, quando o Senhor passou diante dele e ressoou seu nome, manifestando que a bondade divina caracteriza-se por inefável graça e verdade, era exatamente a mesma glória que João e seus amigos viram na 'Palavra que se tornou carne'.

E algumas vezes objetado que, na LXX, a expressão característica para 'graça e verdade' é eleos ['misericórdia'] kai alêtheia, não (como em Jo 1.14) charis kai alêtheia. De fato, charis ('graça') nunca é usada para traduzir o hebraico hesed, exceto em Ester 2.9. Não é impossível que João, trabalhando diretamente a partir do hebraico, simplesmente preferiu charis (assim Lindars, p. 95; Sanders, p. 82). Alternativamente, (embora menos provável), nós podemos supor que em João 1.14 'verdade' está logicamente subordinada à graça, e a expressão inteira significa algo como verdadeiramente cheia de graça'. Nesse caso, podemos pensar não em Êxodo 34.6, mas em Êxodo 33.16, em que Moisés pergunta: "Como se saberá que eu e o teu povo podemos contar com o teu favor, se não nos acompanhares?". A LXX traduz desta forma: 'E como será verdadeiramente (alêthôs, o advérbio cognato) conhecido que eu tenho achado graça (charin) contigo...?'

E também possível que o evangelista esteja fazendo eco a algumas palavras dos profetas. O Senhor declara: "Grita e regozija, ó Filha de Sião. Porque eu estou vindo, e eu viverei (kataskênôsô) entre vocês" (Zc 2.10 [LXX 2.14]). "Então vocês saberão que eu sou o Senhor, o seu Deus, que habito (kataskênôn) em Sião, o meu santo monte" (Jl 3.17). "Minha morada (kataskênôsis) estará com eles; eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo. Então, quando o meu santuário estiver entre eles para sempre, as nações saberão que eu, o S e n h o r , santifico Israel" (Ez 37.27,28; cf. Lv 26.11 M T; Ap 21.22-23).

Até esse ponto, um leitor pode ser desculpado por pensar que a glória manifesta na Palavra encarnada era abertamente visível - que o Jesus que está para ser apresentado por nome andou pela Galiléia e pela Judéia com um tipo de luminescência que o distinguia, pois não era um mortal comum, mas o Filho de Deus. Mas, à medida que João prossegue com seu evangelho, torna-se cada vez mais claro que a glória que Cristo manifestou não foi percebida por todos. Quando ele realizava um milagre, um 'sinal', ele revelava "a sua glória" (2.11), mas somente seus discípulos tinham fé nele. O sinal miraculoso não era em si uma glória evidente; os olhos da fé eram necessários para 'ver' a glória que era revelada pelo sinal. Desse modo, à medida que o livro avança, a revelação da glória de Jesus está especialmente ligada à cruz de Jesus e à exaltação que se segue (cf. Thiising) - e certamente somente aqueles que

25 Cf. Francis I. Andersen, 'Yahweh, the Kind and Sensitive God', in Peter T. O'Brien e David Peterson (eds.), *God Who Is Rich in Mercy* (Fs. D. B. Knox; Anzea, 1986), pp. 41-88.

131 João 1.1-18

têm fé 'vêem' a glória de Deus na 'Palavra que se tornou carne' em eventos como esses. Há um segredo na manifestação da glória na Palavra encarnada, um segredo

penetrado pelo evangelista e pelas testemunhas iniciais que podiam dizer: **Vimos a sua glória. Em uma passagem profunda, Bultmann (pp. 60ss.), corretamente, enfatiza que a glória aparece em forma humana-, mas sua ênfase sobre o humano torna-se tão extrema que surge a pergunta se ele pensa que há qualquer ser divino que se tornou encarnado. No Prólogo de João, uma vez captada a identidade da Palavra, a encarnação é vista como um estupendo ato de revelação, de auto-revelação divina; mas se a identidade da Palavra não é captada, a encarnação em si não faz nenhum sentido. Cf de la Potterie, pp. 76-78.**

João 1:15 João testemunha a respeito dele e exclama: Eis aquele do qual eu disse: o que vem depois de mim tem, contudo, a primazia, porque já existia antes de mim.

João 1:16 Porque todos nós temos recebido da sua plenitude e graça sobre graça.

João 1:17 Porque a Lei foi dada por meio de Moisés; a graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo.

João 1:18 Ninguém jamais viu a Deus; o Filho unigênito, que está no seio do Pai, é quem o revelou.